

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

## **Aspectos históricos e sociológicos na literatura francesa do século XIX: uma compreensão sociogenética da modernidade**

*Historical and Sociological Aspects in Nineteenth-Century French Literature: A Sociogenetic Understanding of Modernity*

Aspectos históricos y sociológicos en la literatura francesa del siglo XIX: una comprensión sociogenética de la modernidad

**Danilo Mourão dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** Partindo da modernidade como etapa histórica concluída e em seus traços puros, surge um fenômeno típico dessa nova fase: a mobilidade social. Na França do século XIX, esse novo fenômeno desponta como traço subjetivo de vários jovens que tentam ascender socialmente e inserir-se em espaços distintos dos de suas origens. Essa ascensão social não aponta apenas uma reestruturação dos grupos sociais, mas também revela novos traços psicológicos que impulsionam a busca por ascensão social. Essa sociogênese da sociedade francesa conturbada e instável do século XIX é registrada detalhadamente nos romances desse período. Partindo dessa compreensão, o objetivo deste ensaio é rastrear, em escala ascendente, as variáveis de mobilidade social de indivíduos e a configuração de grupos sociais em Paris no período de 1819 a 1867. O material de análise será composto pelas obras literárias *O Pai Goriot* (1834), de Balzac, e *A Educação Sentimental* (1869), de Flaubert. Para alcançar tal objetivo, far-se-á uma comparação entre essas obras, destacando as informações, descrições e representações sociais que se repetem. Como essas obras literárias foram produzidas em um período histórico sincrônico ao de seus autores, tentar-se-á comparar os aspectos sociológicos da literatura com os da própria sociologia e apontar semelhanças e diferenças na produção do conhecimento social entre essas duas áreas.

**PALAVRA-CHAVE:** modernidade, literatura, sociologia.

### **Introdução**

Um dos desafios metateóricos da sociologia sempre girou em torno da modernidade. Apesar de ser um tema pioneiro, a controvérsia não cessa de crescer; basta lembrar que, nos últimos anos, os escritores denominados decoloniais têm revisitado o tema. Não é do interesse deste ensaio entrar nessa controvérsia metateórica; todavia, será discutida a modernidade, de forma factual e histórica.

Neste ensaio, a modernidade será compreendida como etapa histórica de ruptura e de instabilidade social vividas em Paris entre 1819 e 1867. O recorte temporal justifica-se pelas fontes secundárias de análise adotadas, que, em vez de seguir a historiografia oficial, se valerão da literatura. Os romances escolhidos para análise são narrados entre 1819 e 1867: *O Pai Goriot* (1834), de Honoré de Balzac, tem sua narrativa iniciada em 1819; e *A Educação Sentimental* (1869), de Gustave Flaubert, inicia em 1840 e vai até 1867. Não é intenção fazer um

---

<sup>1</sup> Discente de Mestrado do Programa de Pós Graduação de Sociologia – PPGSOL/UNB

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

sociologismo com essas obras, ou seja, ilustrar teorias sociais; ao contrário, destacar-se-á o conteúdo sociológico e histórico imanente a elas.

Entre os vários temas tratados, optou-se por expor as relações sociais relativas à mobilidade social e, por conseguinte, as classificações de grupos sociais. Em virtude da forma estrutural dos romances, a apreensão será de relações microssociais nas quais, no entanto, se perceberão, nessas ações individuais, tendências sociais de ascensão com motivações variáveis em escala geral. Sobre as classificações de grupos sociais, perceber-se-á – principalmente na obra de Flaubert – uma sociogênese das classes sociais, bem diferente dos esquemas rígidos da sociologia. Este é o caso de se falar das teorias de conflito entre classes, pois, nessa obra, perceber-se-á o surgimento da burguesia a partir da aristocracia, o velho contido no novo, tornando mais complexa a "estratificação" social moderna, dando a esse tema historicidade, déficit comum nos conceitos lógicos. A esse respeito, Norbert Elias (1994, p. 63) diz:

A burguesia francesa – politicamente ativa, pelo menos parcialmente desejosa de reformas, e até, durante um curto período, revolucionária – permaneceu estreitamente vinculada à tradição de corte em seu comportamento e no controle de suas emoções, mesmo depois de demolido o edifício do velho regime.

Essa afirmação de Elias não é mera coincidência com o objetivo aqui proposto. Este autor usou a literatura como fonte documental e registrou a dificuldade de aplicar um conflito esquemático entre aristocracia e burguesia. A curva histórica da modernidade tem suas consequências mais do acaso do que de um conflito consciente quando analisada como um processo de longa duração.

Os romances de Balzac e Flaubert, ora discutidos aqui, contêm descrições empíricas que um sociólogo ávido encaixaria nos conceitos teóricos da sociologia, por exemplo: estrutura social, luta de classes, capital, capital cultural, capital social, capitalismo, outsiders, conflito de gerações, dentre tantos outros. Todos esses conceitos, caso se queira encontrá-los nessas obras, não se terá dificuldade, mas a diferença é marcante, pois o conceito não está in natura; isto é, os romancistas não fazem discussões abstratas; eles descrevem o vivido. Dessa maneira, a contradição nas relações sociais é constante.

A literatura do romance do século XIX guarda descrições densas, ou seja, interpretações sociais riquíssimas, que muitas vezes se confundem com a forma etnográfica (GEERTZ, 2008, p. 11). A convergência com a etnografia – método de investigação por excelência das ciências sociais – suscita o debate sobre a diferença epistêmica entre a literatura e a sociologia. Sobre

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

este assunto, tratar-se-á na primeira parte deste ensaio, na qual se buscarão, em Marx e Weber, os fundamentos da explicação sociológica. Logo em seguida, partir-se-á para a exposição dos romances, evidenciando seu conteúdo sociológico e, abrindo mão das categorias teóricas da sociologia, tentar-se-á demonstrá-lo por meio de descrições densas. O ânimo ao analisar as obras literárias é apontar suas descrições enquanto interpretação, sendo a descrição e a interpretação duas partes que constituem um único movimento de objetivação do conhecimento social. Em outras palavras, quando o literato descreve, a sua descrição não é um puro registro do vivido, mas tem explicação do social nela contido.

### **A reificação social como parte constitutiva da sociologia**

Os filósofos, desde o período grego, sempre tentaram diferenciar o conhecimento dos homens simples do conhecimento dos filósofos: enquanto os primeiros tinham apenas opinião (doxa), os segundos tinham a verdade alcançada pela ciência (episteme) (HEGEL, 2005, p. 391). Alcançar a verdade no mundo antigo consistia no uso da intuição sobre o mundo sensível e do conceito lógico como único meio de desvelar as determinações do concreto simples pensado, podendo assim apreender seu desenvolvimento por meio do método do conceito.

A sociologia, enquanto ciência positiva, surge com uma nova forma de alcançar o conhecimento do homem e de suas instituições: o empirismo é essa forma básica. Os pensadores considerados clássicos da sociologia – Karl Marx e Max Weber – abrem mão da intuição e postulam a necessidade da empiria como material de análise do homem e de suas instituições. Uma vez rejeitada a intuição, o método conceitual-lógico permanece em uso nas ciências sociais, servindo de base para a formulação das categorias sociológicas. Ou seja, a teoria social é totalmente dependente da filosofia, caso se considere esse aspecto, apesar de a intuição filosófica ter sido rejeitada. Independentemente do que for, a sociologia moderna é interpelada por problemas científicos de cunho macrossocial, e as respostas são sempre dadas por meio de conceitos lógicos. O uso dos conceitos lógicos não distingue a sociologia empírica da teórica: ambas têm o dever de classificar os fenômenos e torná-los inteligíveis. Mas essas classificações nunca serão uma cópia fiel da realidade empírica pesquisada; os conceitos são a reificação desse real como única forma de classificação. Sobre este assunto, Agnes Heller (1991, p. 209) diz:

A sociologia teórica, no entanto, trabalha com conceitos gerais de estrutura e de ação social. Os sujeitos individuais, com suas opiniões, ideias e intuições,

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

desaparecem atrás destas categorias. Mesmo quando as opiniões, ideias e motivações subjetivas são consideradas relevantes (o que nem sempre acontece), elas não são descobertas ou identificadas, mas atribuídas. Os teóricos sociais primeiramente formulam uma concepção do funcionamento das instituições e só então imputam motivações, ideias e opiniões aos membros dessas instituições ou estruturas com as quais estão envolvidos.

Essa afirmação é exemplar e clarifica a de Durkheim (1983, p. 220), segundo a qual "quando uma lei for provada por uma experiência bem feita, esta prova é universalmente válida". O método dedutivo é hipervalorizado na sociologia durkheimiana e em sua congênera, a antropologia estrutural. No método indutivo, a teoria não é matéria de análise, mas o papel que lhe é dado é determinante no fazer de sociologia. Entre esses dois métodos, há diferenças gritantes; porém, não se pode pretender medir o grau de reificação conceitual, pois, em ambos, a teoria ocupa um papel de prestígio. Independentemente do que for, a reificação conceitual é parte constitutiva da sociologia e, para pontuar esse aspecto da epistemologia da sociologia, destacar-se-á a compreensão de Marx e Weber sobre o uso do conceito lógico. Ambos foram escolhidos porque se alicerçam no apelo de uma sociologia indutiva, o que manterá o fio condutor deste ensaio em relação à literatura como depositária de conhecimento sociológico, sem reificação conceitual.

As considerações epistemológicas do livro de Bastiat, *Harmonies Économiques* – apontadas por Marx nos *Grundrisse* (2011) – defendem a harmonia das relações econômicas como efeito do equilíbrio perpétuo do movimento das categorias organizadas em série lógica. Quando, porém, essas relações econômicas entram em desarmonia, as causas do desajuste não são intrínsecas ao próprio movimento, mas sim as perturbações exteriores, isto é, os homens causam a desarmonia nas relações sociais orientadas economicamente através da intervenção do Estado, de suas tradições, da sua vida profana – no dizer sarcástico de Marx. Essa harmonia, de fato, é defendida pela lógica, pois, quando o economista estadunidense Carey apreende as categorias conceituais e as põe em funcionamento na realidade ideal, seu funcionamento é de perfeita harmonia; mas é justamente na passagem do real ao conceitual que se encontra a deformação do real apontada por Marx, pois é nessa abstração que o homem é retirado e o germe da contradição é destruído. Uma vez retirada a história dos homens do conceito lógico, a harmonia econômica é estabelecida no tribunal do espírito lógico; isso significa que a teoria está certa e o errado é o homem.

Na Inglaterra, a sociedade burguesa não existe de forma pura, correspondente ao seu conceito, adequada a si mesma. Como os conceitos dos economistas ingleses da sociedade burguesa

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

poderiam ser a expressão verdadeira e cristalina de uma realidade que não conheciam? Para Carey, o efeito perturbador de influências tradicionais sobre as relações naturais da sociedade burguesa, influências que não emergiam de seu próprio seio, reduz-se, em última instância, à influência do Estado sobre a sociedade burguesa, às suas intervenções e ingerências. [...] As relações burguesas consideradas em si mesmas, i.e., após a dedução das influências do Estado, sempre confirmarão, de fato, as leis harmônicas da economia burguesa (MARX 2011, p. 28 a 29).

Essa típica sociedade burguesa, quando abstraída da realidade e cristalizada na teoria em seus traços médios, não corresponde à realidade bruta, mas diz algo sobre o real. Esse "dizer alguma coisa" considera somente o concreto abstrato, e é por meio dos traços médios encontrados na realidade que o cientista social se lança na quimera conceitual; mas os traços médios são uma substância do real, não o real propriamente dito. Uma vez identificados os conceitos, o cientista social forma uma série lógica (o fenômeno social) e a põe em movimento. Porém, esse movimento é lógico: significa que suas determinações são previsíveis e invariáveis ao longo dessa série. Todavia, o que ocorre na realidade é: ordem/reordenamento contingencial/nova ordem – essa explicação do movimento histórico cai no sofismo, mas o simplismo exposto é inevitável; o paradoxo da vida histórica é inexprimível para este singelo estudante que escreve.

O uso das categorias lógicas geralmente incorre numa compreensão equivocada do real. O caso de Carey é exemplar do erro cometido por muitos cientistas sociais; entretanto, isso não significa interditar o uso de categorias lógicas conceituais (teoria) nas ciências sociais e áreas afins.

O problema de fundo a ser considerado é o resgate da sociogênese dos fenômenos sociais, isto é, a consideração das relações sociais historicamente constituídas. Pois, se as teorias não forem consideradas historicamente, a análise tende ao equívoco, embora sejam usadas e validadas sob a égide do sofismo, que compensa seu aspecto atemporal e anistórico e transforma as teorias em verdades. Mas querer compreender o fenômeno social por meio de suas determinações formadas no tempo implica a inteligibilidade de sua função sincrônica. A esse respeito, Marx diz que a economia burguesa só se faz entender quando se parte da variável industrial para a variável agrícola, pois esta última é determinada pela primeira, ainda que a agricultura, como variável econômica, tenha surgido primeiro na história. Por isso, ele diz: "Mas o capital é perfeitamente compreensível sem a renda da terra" (MARX, 2011, p. 60).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Essas categorias lógicas, quando apreendidas corretamente, explicam o funcionamento sincrônico estático do real histórico; todavia, essas categorias não explicam as determinações históricas que as fazem nascer (MARX, 2008, p. 130). Ou seja, as categorias do conhecimento são construídas primariamente pela história "profana" dos homens e, secundariamente, "sacralizadas" pelo cientista social nas categorias conceituais. O problema, como já dito, não é a reificação da realidade pelo conceito; o problema consiste em querer objetivar essa reificação na análise social. Uma vez realizada essa objetivação, a historicidade é suplantada pela autonomia da categoria. Ao analisar a realidade e utilizar categorias conceituais, a base de análise deve ser o real pesquisado; não se pode usar a teoria como instrumento de análise – o papel da teoria é apenas explicativo, como apontou Marx.

Outro exemplo de Marx sobre o mau uso das categorias conceituais na análise social está exposto em *A Miséria da Filosofia* (1847); desta vez, o alvo da crítica é Proudhon. A crítica a Proudhon traz uma rica contribuição epistemológica sobre a natureza do conceito e sobre seu uso contraditório na análise social. Proudhon acreditava ter descoberto a chave explicativa da história: como as relações humanas e seus objetos se formam e se movimentam no mundo sensível. A descoberta de Proudhon assentava na reificação que os economistas faziam da realidade. Uma vez testadas essas categorias na realidade e encontrados os traços puros de identificação, Proudhon rejeitou o mundo factual pela ideia do fato, indo além da funcionalidade econômica e propondo uma história com bases metafísicas por acreditar na ligação intrínseca da história vivida com a ideia da história:

O Sr. Proudhon, que tem à sua frente essas categorias totalmente formadas, quer explicar-nos o ato de sua formação, a geração dessas categorias, princípios, leis, ideias, pensamentos. Os economistas dão-nos explicações de como se produzem nessas relações dadas, porém, o que eles não nos esclarecem é como essas relações se produzem, quer dizer, o movimento histórico que as faz nascer. O Sr. Proudhon, tendo tomado essas relações como princípios, categorias, pensamentos abstratos, só tem de pôr ordem nesses pensamentos, que já estão alfabeticamente enfileirados no final de qualquer tratado de economia política. O material dos economistas é a vida ativa e participante dos homens; o material do Sr. Proudhon é o dos dogmas dos economistas. Contudo, a partir do momento em que não se persegue o movimento histórico das relações da produção, cujas categorias são apenas a expressão teórica; a partir do momento em que não mais se quer ver nessas categorias senão ideias, pensamentos espontâneos, independentes das relações reais, está-se obrigado a assinalar como origem desses pensamentos o movimento da razão pura (MARX 2008, p. 130, 131)

Mas isso não é tudo. A crítica de Marx sobre a separação entre fato e ideia considera outro elemento: o movimento. O movimento está presente no conceito por meio da

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

determinação estática e, na história real, pelo movimento dinâmico da contingência. Logo, vê-se que os movimentos são distintos. A esse respeito, Marx (2008, p. 132) diz:

Tudo o que existe, tudo o que vive sobre a terra e sob a água, existe e vive apenas por um movimento qualquer. Desse modo, o movimento da história produz as relações sociais... do mesmo modo como, à força da abstração, transformamos qualquer coisa em categoria lógica, temos apenas de abstrair de todo o caráter distintivo dos diferentes movimentos, para chegar ao movimento do estado abstrato, ao movimento puramente formal, à fórmula puramente lógica do movimento.

A história real, feita pelos homens, tem o movimento de múltiplas determinações; afeitas é impossível, pois sua ordem é contingente. Mas quando o cientista social expõe o real pelo conceito, os traços regulares ou médios são elevados ao conceito, já as variáveis contingenciais são desconsideradas – na verdade, consideradas supérfluas – na construção do conceito. Desse modo, o conceito é construído pelo movimento lógico formal, isto é, seu movimento é arbitrado reconhecendo somente os traços puros (a verdade), e as outras variáveis são eliminadas por serem "supérfluas". Esse movimento lógico facilita sua compreensão pelo intelecto; porém, a história continua seu movimento contingencial e refuta a própria teoria:

Veremos depois como o Sr. Proudhon conseguiu reduzi-la às proporções mais mesquinhas. Assim, para Hegel, tudo o que se passou e o que ainda se passa é exatamente o que ocorre em seu próprio raciocínio. Desse modo, a filosofia da história nada mais é do que a história da filosofia, a própria filosofia. Não existe mais a "história segundo a ordem do tempo"; só existe a "sucessão das ideias no entendimento". Ele [Proudhon] acredita construir o mundo pelo movimento do pensamento, enquanto nada mais faz do que reconstruir sistematicamente e classificar, segundo um método absoluto, os pensamentos que estão na cabeça de todo mundo. O Sr. Proudhon, como verdadeiro filósofo, tomando as coisas pelo reverso, vê nas relações reais apenas as encarnações desses princípios, dessas categorias, que dormiam, diz-nos ainda o Sr. Proudhon, o filósofo, no seio da "razão impessoal da humanidade" (MARX 2008, p. 134 e 135)

Nessa polêmica com Proudhon, Marx toma partido da história enquanto materialidade – movimento histórico – e rejeita a filosofia da história, a favor da história dos homens. Mas é preciso lembrar que essa crítica é feita em 1847, período de forte influência do materialismo feuerbachiano, usado, evidentemente, após o crivo crítico da *Ideologia Alemã* (1845-1846). Porém, essa rejeição das categorias lógicas é complexa em todo o pensamento marxiano: se em sua juventude é rejeitada, na velhice é utilizada ao extremo, principalmente no *Capital* (1867). Mas é nos *Grundrisse* que Marx retoma a discussão sobre as categorias lógicas e sua aplicabilidade no fazer científico. Sobre essa discussão feita nos *Grundrisse* (1857-1858), frisar-se-ão os pontos elementares do subcapítulo "*O método da economia política*".

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Desde os gregos, principalmente com Aristóteles, e chegando ao século XX, a questão de como o homem compreende e racionaliza o mundo é um tema candente da filosofia, em especial da filosofia do conhecimento. Frente a esse tema, Marx se debruçou para esclarecer, para si mesmo, o processo e as etapas do conhecimento humano e da construção das categorias lógicas. A representação do mundo na consciência do homem realiza-se pelo movimento do concreto ao abstrato; esse movimento cria conceitos de cunho simplificador. Esse conceito simples é percebido como um todo que desconsidera suas partes constitutivas. A lógica conceitual, ao contrário, tenta, pelo esforço da abstração, reconstruir esse todo com o propósito de rastrear as partes constitutivas e especular as determinações dessas partes no todo. Isso significa que o conhecimento de um homem comum, em comparação com o do filósofo, guarda semelhanças: ambos operacionalizam o conhecimento por meio de conceitos; no entanto, há uma ruptura de entendimento quando a categoria simples é tratada com rigor. A esse respeito, Marx (2011, p. 54) diz:

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo e, portanto, no caso da economia, por exemplo, pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerando de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso.

Entre o conceito simples e o conceito lógico, ambos sintetizam o mundo e as relações sociais em uma totalidade conceitual, tornando-os inteligíveis. O que Marx propõe é a continuidade do movimento que sai do mundo fenomênico para o mundo abstrato; isto é, o conceito simples deve retornar ao mundo fenomênico, passando, neste caso, do abstrato ao concreto. A volta revelará as partes (simples) determinantes desse todo, podendo o mundo fenomênico ser reconstruído por um todo sintético: o "em si" simples agora pode ser apreendido como "por si" em todo o seu desenvolvimento. Esse movimento passa do conceito simples ao conceito lógico.

Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado, chegaria a conceitos abstratos [*Abstrakta*] cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente voltasse à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações. (MARX 2011, p. 54)

Essa totalidade não será apenas a da representação simples, ou seja, aquela totalidade que os sentidos humanos reproduzem, como, por exemplo, casa, cadeira, carro e outros; mas

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

será uma série categórica composta por partes (totalidade sintética). O conceito lógico forma essa totalidade com suas partes determinantes e explica o funcionamento de um todo sintético por meio de suas partes que o determinam. Porém, o uso do conceito é explicativo quando construído; esse conceito não pode substituir o real como fonte de análise. Por isso, Marx (2011, p. 54-55) diz:

Por essa razão, o conceito aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante o efetivo seja o ponto de partida e, em consequência, também o da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do conceito por meio do pensamento. [...] Enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como conceito mental. Mas, de forma alguma, é o processo de gênese do próprio concreto. [...] Por isso, também no método teórico, o sujeito e a sociedade têm de estar continuamente presentes como pressupostos da representação.

Com esse movimento abstrato explicitado por Marx, o conceito é uma reificação, isto é, sua existência ideal é independente da "história real"; todavia, em Marx, essa reificação é consciente: o material de análise continua sendo as relações sociais<sup>2</sup>.

Com essas breves considerações sobre a obra de Marx, é possível afirmar dois fundamentos da sociologia indutiva: 1) o material (objeto) de análise sociológica deve ser as relações sociais históricas; 2) o modelo de explicação deve ser a reificação conceitual dessas relações. Todavia, a sociologia – ou pelo menos uma grande parte dela – usa a teoria social como material de análise, caindo no atraente encanto da fetichização do conceito.

Em Max Weber, o uso do conceito abstrato na análise social é defendido enquanto estudo do significado cultural – esse conceito abstrato é totalmente diferente daquele referido por Marx, e não é intenção deste ensaio compará-los. Este pensador considera o "fato básico" (reprodução social e relações sociais) das pesquisas sociais dividido em dois objetos de estudo: o economicamente relevante e o economicamente condicionado, sendo este último o objeto de análise dos estudos de significado cultural. Essa separação do objeto de estudo em relevante e condicionado é uma atribuição arbitrária do pesquisador, pois os fenômenos sociais em si são fluidos, muitas vezes contendo simultaneamente aspectos economicamente relevantes e economicamente condicionados (WEBER, 2008, p. 80).

---

<sup>2</sup> Em toda explicação sobre o método a influência de Hegel é constante, principalmente quando cotejado com o excerto da *Introdução à História da Filosofia (1816)*, que diz, “O seu conteúdo é abstrato, mas só pelo que respeita à forma, ao elemento, porque em si mesma a idéia é essencialmente concreta, visto ser essa a unidade de distintas determinações. Nisto se diferencia o conhecimento racional do mero conhecimento intelectual; e o filosofar tem como tarefa o demonstrar, contra o intelecto, que a verdade, a idéia, não consiste em generalidades balofas, mas sim num universal que é em si mesmo o particular, o determinado” (HEGEL 2005, p. 398).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Os fenômenos condicionados surgem da criação ideal dos homens, por meio de sua capacidade de conceituar o mundo, atribuindo-lhe significado e valor. Essa capacidade de criar conceitos abstratos de entendimento também cria instituições reificadas, sendo necessário pesquisá-las em si mesmas, ou seja, descartando as possíveis ligações materiais que possam ter; é o caso dos estudos referentes ao Estado, ao direito, à religião e à arte. Referindo-se a isso, Weber (2008, p. 83-84) é categórico ao dizer:

O domínio do trabalho científico não tem por base as conexões "objetivas" entre as "coisas", mas sim as conexões conceituais entre os problemas. [...] Libertos do preconceito obsoleto de que a totalidade dos fenômenos culturais poderia ser deduzida como produto ou como função de determinadas constelações de interesses "materiais", cremos no entanto que a análise dos fenômenos sociais e dos eventos culturais sob a perspectiva especial do seu condicionamento e alcance econômico foi um princípio científico de fecundidade criadora, e continuará a sê-lo enquanto dele se fizer uso prudente e livre de inibições dogmáticas.

Em Weber, o aspecto valorativo atribuído pelo homem às suas representações é considerado e torna-se um elemento significativo na análise social. Isso não significa que o conceito lógico seja descartado na sociologia weberiana; no entanto, o conceito lógico construído pelo cientista social não se sobrepõe à "realidade" das representações conceituais simples na análise, tampouco lhes atribui o status de verdade. O uso generalizado dos conceitos lógicos nas ciências sociais baseou-se numa ideia equivocada de que o conceito lógico seria semelhante à realidade em si – depurando-se de qualquer valor explicativo e chegando ao núcleo duro do fenômeno. Sobre essa ideia de objetividade, Weber relativiza com aspas: "objetividade".

A proposta weberiana não é anular o uso dos conceitos lógicos. A intenção é estabelecer um novo uso dos conceitos lógicos nas ciências sociais, desconsiderando qualquer tentativa de encontrar leis de causa e efeito, método comum das ciências naturais (WEBER, 2008, p. 102). O conceito lógico, em seu novo uso, caracteriza-se, na visão de Weber, pela criação de quadros ideais unívocos em comparação com os conceitos difusos presentes nas representações simples dos homens. Essa difusão do conceito de representação dos homens ocorre porque o conceito representativo é empregado na linguagem corrente, o que gera diversos significados. O quadro ideal não organiza o mundo, mas organiza as representações dele. A construção desses quadros de tipos ideais abstrai, ou melhor, subtrai as ideias difusas e "homogeneiza" o fenômeno cultural para que seja estudado além da escala individual, pois, em escala individual ou até de grupos, o conceito psicológico é unívoco; entretanto, se se considerar o conceito em aspectos

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

genéricos, não se observa regularidade. E é esse conceito genérico abstrato que se tentará tipificar. Por isso Weber (2008, p. 111) diz:

As "ideias" que dominaram os homens de uma época, isto é, as que neles atuaram de forma difusa, só poderão ser compreendidas, sempre que formem um quadro do pensamento complicado, com rigor conceitual, sob a forma de um tipo ideal, pois empiricamente elas habitam as mentes de uma quantidade indeterminada e mutável de indivíduos, nos quais estavam expostas aos mais diversos matizes, segundo a forma e o conteúdo, a clareza e o sentido.

É na tipificação das ideias que a reificação ocorre, pois o significado empírico das ideias é homogeneizado. E quando o conceito faz parte de uma estrutura teórica, torna-se genético, distanciando-se de qualquer significado que possa ter na linguagem. Por exemplo, o conceito de "troca":

Se este conceito é posto em relação com a "lei da utilidade marginal" e se forma o conceito da "troca econômica" à maneira de um processo econômico racional, este conceito – como qualquer outro integralmente elaborado de forma lógica – conterà um juízo sobre as condições "típicas" de troca. Assume então um caráter genético e converte-se em típico-ideal no sentido lógico; isto é, afasta-se da realidade empírica, que apenas se pode comparar e referir a ele. (WEBER 2008, p.116)

A reificação conceitual é um recurso complexo em seu uso nas ciências sociais, e Weber (2008) chega a apontar os equívocos do seu uso; porém, não vê outro recurso possível na explicação sociológica que não seja a explicação lógica conceitual:

Neste último caso, o conceito revela um ponto de vista teórico e, portanto, "unilateral", que, embora esclareça a realidade, mostra-se impróprio para se tornar um esquema no qual essa realidade pudesse ser completamente incluída. Porque nenhum desses sistemas de pensamento, imprescindíveis para a compreensão dos elementos significativos da realidade, pode esgotar a sua infinita riqueza. Todos estes sistemas não passam de tentativas para conferir uma ordem ao caos dos fatos que incluímos no âmbito de nosso interesse, e que são realizados com base no estado atual dos nossos conhecimentos e nas estruturas conceituais de que dispomos (WEBER 2008, p.120)

Tanto em Marx quanto em Weber, o conceito lógico (teoria) é um recurso explicativo, e ambos os pensadores anulam qualquer uso analítico desses conceitos em favor da realidade empírica. A observação empírica é o fundamento imperativo da pesquisa sociológica, cabendo ao conceito lógico reificar o empírico (material ou ideal) em sua condição de método explicativo.

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

Ao considerar essas limitações da sociologia em captar o empírico em seu todo e comparar a certa forma literária do romance, que propõe descrever as relações sociais, surge uma dúvida: até que ponto sociologia e literatura se diferenciam em seus objetivos de captar as relações sociais? Pode-se objetar que a literatura trabalha com margem de ficção, descaracterizando o real; todavia, a sociologia tem a margem arbitrária do pesquisador, que se distancia da realidade. Sem poder levar adiante essa controvérsia epistêmica, fica claro que o conhecimento da literatura e o da sociologia contêm explicações sociológicas, e são essas explicações – por meio das descrições sociológicas – que serão destacadas nas obras literárias analisadas a seguir.

### **ASPECTOS DA PSICOGÊNESE MODERNA NA OBRA O PAI GORIOT**

A obra de Honoré de Balzac, *O Pai Goriot* (1834), teve uma péssima recepção dos jornais parisienses de sua época, que a acusavam de imoralidade. Lendo essa obra, as *Cenas da Vida Privada* – título dado à obra *O Pai Goriot* na coleção *A Comédia Humana* –, em pleno século XXI, ainda causa espanto pelos costumes ali registrados, entre os quais se destacam os casos extraconjugais implícitos, em uma corte composta por aristocratas e burgueses do período político da Restauração (1814-1848). No entanto, a narrativa desse romance se inicia em 1819 e é estruturada em torno de relações sentimentais privadas e de tendências sociais gerais, como o comportamento e os aspectos valorativos compartilhados em grupo, que Balzac capta a partir das ações individuais. Já os fatos sociais são descritos como pano de fundo, sendo possível apreender tendências sociais na Paris de 1819, principalmente as da alta sociedade – como o próprio Balzac se refere.

Um dos protagonistas desse romance é o jovem estudante de Direito Eugène de Rastignac, de 21 anos. Vindo da província do sul da França para Paris, tenta, a duras penas, uma ascensão social através dos estudos, com a intenção de tornar-se um profissional liberal. Vale lembrar que a ascensão social é uma ideia predominante desse período histórico, principalmente entre os jovens. E, no caso das ações de Rastignac, são todas orientadas, pelo menos no primeiro momento, para ascender socialmente e usufruir de bens materiais até então escassos para ele e sua família.

Mas, ao passar um ano na badalada cidade de Paris, ter contato com costumes refinados e presenciar todo um modo de vida clamorosamente diferente da província, este jovem não tem

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

somente ânsia de aumentar sua renda e ajudar sua família, mas também de fazer parte de uma camada social pequena e distinta: a corte francesa. O próprio modo de Rastignac de se perceber modifica-se ao longo de um ano vivendo em Paris. A esse respeito, Balzac (2015, p. 41-42) diz: "Se começou admirando os carros no desfile dos Champs-Élysées sob um belo sol, logo chega a invejá-los [...] Suas ilusões de infância, suas ideias provincianas tinham desaparecido.

No excerto supracitado, não se pode entrever uma simples troca de ilusões do jovem Rastignac; é possível constatar as reações de uma sociedade plástica, porosa e gelatinosa na percepção de uma nova geração, na qual o jovem tem a possibilidade de nutrir ilusões atreladas aos sentimentos de ambição e inveja para desejar ascender socialmente. "O demônio do luxo o mordeu no coração, a febre do ganho o assaltou, a sede de ouro secou-lhe a garganta" (BALZAC, 2015, p. 79). Os sentimentos de contemplar e admirar, marcas características da percepção de uma sociedade estamental, já não são a tendência social vigente. Esse conflito de gerações pode ser captado na própria obra, quando Rastignac pede dinheiro à sua mãe e, ao respondê-lo por carta, ela diz: "Meu bom Eugène, acredite no coração de sua mãe, os caminhos tortuosos não levam a nada de grandioso. A paciência e a resignação devem ser as virtudes dos jovens que estão em sua posição" (BALZAC, 2015, p. 101). E adiante, em um dos tantos conflitos de consciência, Rastignac pensa: "Minha juventude ainda é azul como um céu sem nuvens: querer ser grande ou rico não é decidir-se a mentir, dobrar-se, rastejar-se, reerguer-se, bajular, dissimular?" (BALZAC, 2015, p. 124).

É interessante como as mudanças ocorridas na vida de Rastignac conseguem abarcar e ilustrar dois aspectos sociais desse período histórico: 1) é possível ver uma mudança histórica de uma sociedade de grupos rigidamente fechados, como é o caso da sociedade feudal, para uma sociedade ainda marcada pelas distinções de status, porém na qual é possível uma ascensão social de indivíduos de um grupo inferior ao superior; e 2) como essas mudanças sociais, uma vez introjetadas na subjetividade do indivíduo, são capazes de dar outras cores para o mundo, isto é, percebê-lo de outra maneira, generalizando sentimentos de ganância, ambição e volúpia – bases psicológicas para buscar uma ascensão social, sentidos psicológicos muitas vezes desconsiderados numa análise estrutural da mobilidade social.

Dentro dessa trama construída por Balzac, é possível relacionar uma ação individual ao desenvolvimento histórico de uma sociedade, porquanto Rastignac é de origem camponesa e vai viver numa metrópole europeia. Se, no romance, as mudanças de percepção ocorrem em um ano na vida de um indivíduo, essas mudanças descritas se conectam às da ordem histórica

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

e social de longa duração ocorridas na França. Por isso, é possível captar as transformações macrossociais a partir da vida individual, neste caso, das percepções do personagem Rastignac.

Sobre a ascensão social, Rastignac pôs em prática duas táticas: "abrir duas trincheiras paralelas para chegar à fortuna, apoiar-se na ciência e no amor" (BALZAC, 2015, p. 92). Sobre a ciência, ainda hoje é predominante que jovens se debruem sobre os estudos como forma de mobilidade social. Agora, considerar o amor – em outras palavras, o casamento – como uma variável de mobilidade social soa até estranho; entretanto, ainda é uma realidade, embora sua relevância continue sendo desconsiderada nas teorias sobre mobilidade social. Mas, no romance de Balzac, essa variável está tão presente quanto no mundo vivido. Citando alguns casos do romance, tem-se o plano do vigarista Vautrin, que quer casar Rastignac com Victorine, filha de um milionário. Entre as conversas com Rastignac, Vautrin diz: "Não se espante com o que lhe proponho nem com o que lhe peço! De sessenta casamentos que acontecem em Paris, há quarenta e sete que dão lugar a combinações semelhantes." (BALZAC, 2015, p. 119). Ou seja, um dos cônjuges se submete ao casamento com a pretensão de mudar sua vida. Até mesmo o próprio Rastignac faz uma piada sobre os gastos onerosos com alfaiate, relacionando-os ao casamento: "Assim, Rastignac, grato, fez a fortuna desse homem por uma dessas tiradas com que, mais tarde, ele brilharia: – conheço – dizia – duas calças dele que fizeram casamentos de vinte mil libras de renda." (BALZAC, 2015, p. 106). As pretensões de ascensão social da decrépita Sra. Vauquer também tinha como via o casamento:

No dia em que o Sr. Goriot se instalou em sua pensão, a Sra. Vauquer deitou-se à noite, assando, como uma perdiz envolta na tira de toucinho, ao fogo do desejo que a agarrou a abandonar o sudário de Vauquer para renascer como Goriot. Casar-se, vender sua pensão, dar o braço àquela fina flor de burguesia, tornar-se dama de prestígio no bairro. (BALZAC 2015, p.31)

No excerto acima, Balzac se refere ao pai de Goriot como "fina flor da burguesia", com conotação positiva. Em outros contextos sociais da mesma obra, tem-se o uso do substantivo "burguesia" – em suas variadas flexões verbais – com outro sentido, o que torna difícil uma definição precisa do termo em si. Isto é, só se tem uma definição precisa do termo "burguesia" se considerar o contexto social em que é empregado. Por exemplo, a pensão, palco principal dessa história, tem escrito em sua placa de identificação: "Casa Vauquer" e, embaixo, "Pensão burguesa para os dois sexos e outros" (BALZAC, 2015, p. 15). Considerando a descrição da pensão e de sua localização no subúrbio de Paris, o termo "burguês" parece ser depreciativo: Ali, o homem mais indiferente se entristece; como todos os passantes, o barulho de um carro torna-se um acontecimento; as casas são sombrias; os muros cheiram a prisão. Ali, um

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

parisiense perdido só enxergaria pensões burguesas e instituições, miséria ou tédio, velhice que morre... (BALZAC 2015, pp.14,15)

Numa análise baseada na teoria social, o emprego do termo "burguesia" nas formas citadas pode parecer um significante vazio. Entretanto, se se retirar a "viseira teórica" e se aproximar do mundo dos homens, ver-se-á um termo historicamente localizado e contextualmente significado. Essa observação não se limita aos estudos etimológicos. Essa heterogeneidade no uso do termo "burguesia" aponta para uma sociedade em profundas mudanças sociais, na qual as classificações sociais de períodos estáveis não dão conta de significar novos quadros de experiências. Talvez, na atualidade, o termo "burguesia", em seu uso comum e geral, se refira a pessoas ricas, ainda assim, longe das definições canônicas da teoria social; porém, com um significado mais homogêneo, ou seja, restrito, sem precisar de um contexto social preciso.

Como dito, o romance *O Pai Goriot* tem sua história iniciada no fim do mês de novembro de 1819, quando Eugène de Rastignac, encantado, volta de um baile aristocrático na casa da viscondessa de Beauséant, sua prima distante. Ora, essa obra é um registro histórico dos valores e do comportamento da aristocracia – uma classe social estável, distinta do termo "burguês". Mas o interessante é perceber a vitalidade do mundo aristocrático pós-revolução burguesa de 1789. Pode-se pensar que esses registros sejam resquícios do passado; porém, Balzac (2015, p. 129) narra:

Quando voltou à casa da viscondessa [Rastignac], encontrou-a cheia dessa bondade graciosa que sempre lhe demonstrara. Os dois foram para uma sala de jantar onde o visconde esperava a mulher e onde resplandecia esse luxo de mesa que, durante a Restauração, foi levado, como todos sabem, ao mais alto grau.

O próprio período histórico mencionado no excerto é evidente. O período da Restauração reconstituiu a casa dos Bourbon, com três reinados entre 1814 e 1848. É evidente a pujante restauração do grupo aristocrático; no entanto, não se pode supor um conflito radical com a burguesia – nesse sentido, entende-se por burguesia um grupo de pessoas com propriedade que não tem origem nobre – a ponto de querer exterminá-la. Ao contrário, tanto a burguesia quanto a aristocracia faziam parte da alta sociedade parisiense e conviviam em espaços comuns, como bailes e a corte do período da Restauração. A esse respeito, é pertinente lembrar quando uma filha do pai Goriot é apresentada na corte: "– a filha de um macarroneiro – prosseguiu a duquesa –, uma mulherzinha que foi apresentada à corte no mesmo dia que a

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

filha de um confeitoiro. Você não se lembra, Clara? O rei começou a rir e disse, em latim, uma pilhéria sobre a farinha" (BALZAC, 2015, p. 85). Tem-se, portanto, a filha de um burguês que fez sua fortuna na Revolução de 1789, que transitava normalmente na corte, sem haver rivalidade entre esses grupos. Outro exemplo é a afirmação do personagem Vautrin:

Façamos justiça a este solo hospitaleiro: você está lidando com a cidade mais condescendente do mundo. Se as orgulhosas aristocracias de todas as capitais da Europa se recusam a admitir em suas fileiras um milionário infame, Paris lhe abre os braços, corre às suas festas, come seus jantares e brinda à sua infâmia. (BALZAC 2015, p.85)

Mas isso não é tudo. Existia também uma mobilidade social peculiar: a de burgueses que queriam compor grupos aristocráticos, como é o caso de Anastasie, filha de Goriot, que desde a juventude se inclinava a um modo de vida aristocrático. "Cortejada por sua beleza pelo conde de Restaud, Anastasie tinha pendores aristocráticos que a levavam a sair da casa paterna para se lançar nas altas esferas sociais" (BALZAC, 2015, p. 100). Isso mostra outra faceta da mobilidade social desse período: a busca por distinção e status, que vai além das motivações econômicas. Contudo, essa inserção não era plenamente aceita pelos membros da aristocracia. Em um diálogo entre Rastignac e a viscondessa de Beauséant, ela diz: "Restaud tem berço; a mulher dele [Anastasie] foi adotada, foi apresentada" (BALZAC, 2015, p. 89-90). Entretanto, não eram apenas a origem e seus efeitos preconceituosos que tornavam problemático esse tipo de mobilidade; a própria adaptação de Anastasie aos distintos modos da aristocracia era exagerada e problemática, uma vez que isso diz respeito ao comportamento. Desta vez, Rastignac, um bom observador da "jurisprudência social", percebe essa diferença:

De repente, a riqueza exibida na casa da condessa de Restaud brilhou aos seus olhos. Ali vira o luxo pelo qual uma srta. Goriot devia ser apaixonada, dourada, com objetos de valor em evidência, o luxo nada inteligente do arrivista, o desperdício da mulher sustentada. Essa imagem fascinante foi esmagada de imediato pelo grandioso palacete de Beauséant. (BALZAC 2015, p.91).

De um lado, o luxo extravagante de uma burguesa "apresentada"; de outro, o luxo fascinante de uma aristocrata de "origem".

Esse convívio entre burgueses e aristocratas possivelmente é anterior ao período histórico da Restauração. Isto é, numa análise macrossocial, não havia um conflito mortal entre esses dois grupos, embora as relações microsociais fossem minadas por conflitos. Na representação popular, o convívio desses dois grupos originava a classificação de "alta sociedade", expressão corrente entre os personagens do romance para designar nobres e burgueses com alguma forma de distinção, seja ela financeira ou comportamental.

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Os traços perenes de distinção da aristocracia, sem dúvida, assentavam-se no comportamento e no gosto, como bem registra Balzac no caso de Anastasie, que, mesmo casando com um nobre e ascendendo ao grupo aristocrático, seu comportamento evidenciava o arrivismo de origem burguesa. Esses aspectos de distinção aristocrática por meio do comportamento são captados com precisão por Balzac; em seu romance, essa distinção é acentuada na viscondessa de Beauséant, sobretudo quando ela aceita ajudar seu primo Rastignac a ingressar na alta sociedade. Os conselhos e a repreensão no comportamento de Rastignac são registrados na ocasião de sua primeira visita à sua prima, viscondessa, quando, conversando, os dois são interrompidos pelo criado de quarto da viscondessa: "– A Sra. duquesa de Langeais – disse Jacques, cortando a palavra do estudante, que fez o gesto de um homem violentamente contrariado. – Se quiser ter êxito – disse a viscondessa em voz baixa – primeiro não seja demonstrativo" (BALZAC, 2015, p. 82). O jovem Rastignac, de maneira inconsciente, expressava, por meio do corpo, seus sentimentos quando, por exemplo, soube que o Sr. Goriot era pai da linda Anastasie; admirado, disse: "Ah! É o pai dela" – retrucou o estudante, fazendo um gesto de horror (BALZAC, 2015, p. 85). Enquanto isso, a viscondessa, mesmo sendo rejeitada pelo seu amante, o marquês d'Ajuda Pinto, comportava-se com polidez diante de seus infortúnios. Balzac descreve: "Essas palavras foram o raio e o trovão para aquela mulher, que retornou, às voltas com apreensões mortais. Na alta sociedade, as mais terríveis catástrofes são apenas isso" (BALZAC, 2015, p. 79-80). E ainda: "A Sra. de Beauséant não apertou os lábios, não corou, seu olhar permaneceu o mesmo, sua fronte pareceu se iluminar enquanto a duquesa proferia essas palavras fatais" (BALZAC, 2015, p. 82).

Esse tipo de comportamento da viscondessa de Beauséant não é individual; suas atitudes são a reprodução de formas sociais duráveis em uma partícula individual. Balzac consegue descrever densamente os fatos sociais por meio do comportamento individual, ao retratar os processos de repressão e de controle dos sentimentos. Em outro momento, Balzac explica como esse comportamento duradouro em grupo se reproduz ao longo do tempo, ao dizer: "Até então encontrara a viscondessa cheia dessa amenidade polida, dessa graça melíflua dada pela educação aristocrática, e que só está completa se vem do coração" (BALZAC, 2015, p. 128). Ou seja, por meio da educação dada desde a tenra idade, constitui-se, por meio da cultura, uma segunda natureza: a polidez social.

O comportamento social baseado na polidez, nos dias atuais, não se refere a um grupo social específico; embora esteja concentrada em determinadas frações sociais mais do que em

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

outras, a polidez é difusa na sociedade. Na sua evolução, a polidez deixou de ser um comportamento aristocrático para se tornar sinônimo de pessoa "bem educada", difundindo-se em toda a sociedade. A evolução da polidez como sociogênese pode ser esquematizada da seguinte maneira: no século XIX, sua função era estritamente promover a distinção; todavia, houve uma "evolução funcional", passando a ter uma função de defesa diante dos perigos da convivência coletiva. Por exemplo, no ensaio de Sérgio Buarque de Holanda (2014, p. 177), "O Homem Cordial", ele afirma:

Além disso, a polidez é, de algum modo, uma forma de defesa perante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo, quando necessário, servir de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções. [...] Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia perante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo.

Considerando essa afirmação de Sérgio Buarque de Holanda, pode-se compreender o comportamento da viscondessa de Beauséant quando realizou seu último baile, que, para sua desgraça, ocorreu dias após seu amante se casar com outra mulher. Esse acontecimento foi assunto das conversas subterrâneas da alta sociedade; no dia do baile, os nobres foram presenciar a vergonha e a dor dessa nobre viscondessa:

Desde o momento em que toda a corte se precipitou à casa da Grande Mademoiselle, cujo amante, Luís XIV, lhe arrancara, nenhum desastre amoroso foi mais rumoso do que o da Sra. Beauséant. Nessa circunstância, a última filha da quase real casa de Bourgoigne mostrou-se superior a seu mal, e dominou até o último momento a sociedade cujas vaidades ela só aceitara para pô-las a serviço do triunfo de sua paixão. As mais belas mulheres de Paris animavam os salões com seus toaletes e sorrisos. Os homens mais distintos da corte, os embaixadores, os ministros, as pessoas ilustres de todo tipo, enfeitadas de cruzes, placas e cordões multicoloridos, enfileiravam-se em torno da viscondessa. A orquestra fazia ecoar os motivos de sua música sob os lambris dourados daquele palácio, deserto para sua rainha. A Sra. de Beauséant mantinha-se de pé no seu primeiro salão para receber seus pretensos amigos. Vestida de branco, sem nenhum enfeite em seus cabelos simplesmente trançados, parecia calma e não exibia dor, nem orgulho, nem falsa alegria. Ninguém podia ler em sua alma. Poderia dizer-se uma Níobe de mármore. Seu sorriso para os amigos íntimos foi, por vezes, escarecedor; mas a todos pareceu como sempre foi, e mostrou-se tão bem como era quando a felicidade o ornamentava com seus raios, quando os mais insensíveis o admiravam, assim como as jovens romanas aplaudiam o gladiador que sabia sorrir ao expirar. (BALZAC 2015, p.258, 259)

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

O comportamento aristocrático, posteriormente denominado polidez, é o controle social das pulsões individuais, operacionalizado internamente, como explicou Sigmund Freud (2014, p. 30), e o literato Honoré de Balzac observou tão bem esse fato em sua gênese social. De fato, a obra *O Pai Goriot* não é um tratado de sociologia, embora seja de natureza sociológica; talvez seja por isso que o autor, nas suas primeiras páginas, faz um alerta ao leitor: "Será ela compreendida fora de Paris? A dúvida é legítima" (BALZAC, 2015, p. 15). Isto é, uma obra historicamente registrada e contextualmente descrita.

### **Aspectos Sociogenéticos em *A Educação Sentimental***

O romance de Gustave Flaubert, *A Educação Sentimental*, foi publicado em 1869. No entanto, sua narrativa histórica se inicia em 15 de setembro de 1840, quando o jovem Frédéric Moreau vai de férias para sua casa, na província de Nogent. Quanto ao tempo, o romance vai de 1840 a 1867; porém, os anos de 1847 a 1851 ocupam maior espaço na trama – ou seja, as páginas destinadas a esse período histórico correspondem a mais da metade do livro. Não é à toa que Flaubert enfatiza esses anos, pois são de efervescência política e social na França. Nesse curto período de tempo, Paris é palco de dois regimes políticos: a Segunda República, proclamada após a revolução de fevereiro de 1848, e o Segundo Império, instaurado em 1851. E como Flaubert vivenciou esses acontecimentos, o seu romance *A Educação Sentimental* traz vários registros e descrições detalhadas do modo de vida e das paixões políticas dessa Paris de 1848.

É inquestionável que essa obra seja considerada uma fonte histórica, pois a maior parte dos cenários do romance é ambientada em fatos históricos; mas é injusto considerá-la apenas uma obra baseada em fatos históricos. Como dito, Flaubert registra o espírito da época, muito em conta pelo empenho etnográfico, porquanto ele "leu dezenas de livros e coleções de jornais, colheu testemunhos dos veteranos da revolução de 1848" (D'AGUIAR, 2017, p. 25) e vivenciou a revolução de fevereiro e a insurreição de 1848 em Paris.

O enredo do romance gira em torno da vida de Frédéric Moreau, jovem provinciano, estudante de direito que, aos 20 anos, vai morar em Paris. Sem um projeto de vida claro, esse jovem vive a intensa Paris sem nenhuma preocupação financeira, embora, em alguns momentos – por má administração, mais do que por falta de recursos –, passe por algumas dificuldades.

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Sobre a cidade de Paris, Flaubert descreve uma cidade em profundas transformações urbanas, acompanhadas de uma modernização tecnológica progressiva, algo notório no começo do romance, por exemplo, quando o barco de viagem é a vapor ou quando se usa o trem como meio de transporte. Em outro momento, percebe-se a novidade da iluminação a gás citada num passeio de Frédéric: "por fim, voltavam pelo Arco do Triunfo e pela grande avenida, respirando o ar, com as estrelas acima de suas cabeças, e, até onde a perspectiva alcançava, todos os buços de gás enfileirados como um cordão duplo de pérolas luminosas" (FLAUBERT, 2017, p. 450). Noutra parte do romance, é registrado o asfaltamento de Paris: "seu retorno a Paris não lhe deu prazer; chegou à noite, no fim do mês de agosto, o bulevar parecia vazio, os passantes se sucediam com caras carrancudas, aqui e ali fumegava uma caldeira de asfalto" (FLAUBERT, 2017, p. 329). Paris vivia a expansão do capital e das tecnologias.

O tema da mobilidade social, em seus traços microssociais, também é abordado nessa obra. Contudo, há uma diferença de personalidade entre Eugène de Rastignac, da obra de Balzac, e Frédéric Moreau, da obra de Flaubert. Enquanto o primeiro está obcecado em ascender socialmente e, a cada ato, se orienta por esse objetivo, Moreau vive com incertezas e, a cada momento, muda seus objetivos. Aliás, o desejo de Frédéric de conhecer a alta sociedade é provocado pelo conselho de seu amigo, o pobre estudante Deslauriers, que insiste com Frédéric para que frequente a casa do banqueiro, o Sr. Dambreuse, e, se possível, torne-se amante da Sra. Dambreuse. Talvez Rastignac, por semelhança, esteja mais perto de Deslauriers; afinal, este termina seu conselho dizendo:

– Você deveria pedir a esse velho que o introduzisse na casa dos Dambreuse; nada é mais útil do que frequentar uma casa rica! Já que tem uma casaca preta e luvas brancas, aproveite! Precisa ir para esse mundo! E mais tarde me levará. Dê um jeito de agradar à mulher dele também. Torne-se amante dela! [...] estou lhe dizendo coisas clássicas! Lembre-se de Rastignac na Comédia Humana! Você triunfará, tenho certeza! (FLAUBERT 2017, p.50).

O casamento, como variável de mobilidade social, está bastante presente neste romance. O próprio Frédéric é alvo de vários planos de casamento, seja por ele mesmo, ao querer tornar-se amante da Sra. Dambreuse, seja quando Rosanette, a cortesã, quer mudar de vida e constituir família por meio do casamento com Frédéric. E, claro, sem esquecer os planos do Sr. Roque, que almejava o título de nobreza para sua filha por meio do casamento com Frédéric. Neste último caso, a situação é peculiar, pois Louise, filha do Sr. Roque, era herdeira de uma considerável fortuna, enquanto Frédéric "descendia de uma velha família de fidalgos, agora extinta" (FLAUBERT, 2017, p. 41), e sofria de sérios problemas financeiros. A respeito dos problemas financeiros, o Sr. Roque os conhecia nos mínimos detalhes; afinal de contas,

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

havia concedido vários empréstimos à Sra. Moreau, mas para esse pobre homem, um título de honra era algo importante, principalmente por ser filho de um criado. A ideia de honra estava tão arraigada na mente do Sr. Roque que os riscos do casamento de sua filha com Frédéric eram compensados por outras ideias. Isso porque o título de nobreza deveria ser requerido ao Ministério da Justiça, com a temeridade de não ser reconhecido.

Tanta honradez fascinava o Sr. Roque, filho de um antigo criado. Se a coroa de conde não viesse, ele se consolaria com outra coisa; pois Frédéric podia chegar à deputação quando o Sr. Dambreuse fosse elevado a par, e então ele o ajudaria em seus negócios, obtendo-lhe provisões, concessões. O rapaz lhe agradava, pessoalmente. Em suma, queria-o como genro porque fazia muito tempo que estava fixado nessa ideia, que só fazia prosperar. (FLAUBERT 2017, p. 317).

As circunstâncias do desejo do Sr. Roque de casar sua filha com Frédéric trazem à luz uma busca por distinção muito além de um desejo reprimido, porquanto, se o jovem não conseguisse reaver seu título de nobreza, o próprio Sr. Roque tornaria seu futuro genro deputado. E pertencer à alta sociedade, ser distinto, não necessariamente precisaria ser um aristocrata de origem: a estrutura hierárquica estava em mudança, e o velho Sr. Roque conseguia vislumbrar duas estruturas hierárquicas: a do "antigo regime" e a do "novo regime republicano", colorida pela democracia parlamentar. As duas estruturas não se repeliam; pelo contrário, eram partes de algo mais amplo, denominado "alta sociedade". Até mesmo o próprio Frédéric Moreau enxergava o cargo eletivo como uma maneira de se distinguir dos demais, e Flaubert deixa bem claro ao dizer que Moreau "era seduzido pelo traje que os deputados, dizia-se, usariam. Já se via com o colete de abas com uma faixa tricolor; e esse prurido, essa alucinação ficaram tão fortes" (FLAUBERT, 2017, p. 383). As sutilezas da república foram pouco notadas. Na representação das massas, esse regime se apresentava sob a forma de uma igualdade inabalável.

Na alta sociedade, as ações individuais eram orientadas tanto pela ordem econômica quanto pela distinção. Essa heterogeneidade – até então impossível, caso se considere a aristocracia e seu modo cortês como um grupo fechado – só foi possível por meio de casamentos exogâmicos, que uniram indivíduos de origens e situações sociais diferentes. Em uma das festas de Dambreuse, Flaubert menciona os casamentos de faixa etária discrepante – algo insignificante em si mesmo, porém significativo na radicalização da ascensão social – ao dizer: "Alguns pareciam viúvas cansadas, outros tinham modos de negociantes desonestos; e

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

velhotes acompanhavam suas mulheres, de quem poderiam ser avós" (FLAUBERT, 2017, p. 182).

A radicalização da ascensão social por meio do casamento constituía uma ação utilitária, desprovida de qualquer ideal sentimental recíproco. E, como Flaubert descreve genericamente o casamento com discrepância etária, é de se supor tratar-se de casamentos de mulheres pobres que queriam ascender socialmente por meio da união com velhos ricos. Apesar de não haver uma descrição dos traços psicológicos dos casamentos utilitários, os sentidos psicológicos de Frédéric na relação com a Sra. Dambreuse possivelmente consegue abarcar a unidade da totalidade desse tipo de relação. O primeiro motivo considerado por Frédéric para querer se casar é orientado por questões econômicas, porquanto "seus rendimentos estavam sensivelmente diminuídos. Devia restringir as despesas, ou arrumar uma situação, ou fazer um belo casamento" (FLAUBERT, 2017, p. 315). Todavia, a ação de Frédéric não tem apenas um motivo; outros também se agregam à realização prática do seu ideal. Quando ele se torna amante da Sra. Dambreuse, o interesse econômico, o de prestígio e o de possuir algo escasso se misturam; a volúpia da libido é desconsiderada. Aliás, tratando-se de libido, Frédéric necessitava de fantasiar a relação íntima com a Sra. Dambreuse:

Ao lado dela, ele [Frédéric Moreau] não sentia esse enlevo de todo o seu ser que o impelia para a sra. Arnoux, nem a desordem alegre em que, de início, Rosanette o deixava. Mas a cobiçava como algo anormal e difícil, porque ela era nobre, porque ela era rica, porque ela era devota, imaginando que possuía delicadezas de sentimento, raras como seus rendados, com amuletos sobre a pele e pudores na depravação. (FLAUBERT 2017, p. 463).

E sobre a libido, [...] Então ele reconheceu o que escondera de si mesmo, a desilusão de seus sentidos. Nem por isso deixava de fingir grandes ardores; mas, para senti-los, precisava evocar a imagem de Rosanette ou da Sra. Arnoux. Essa atrofia sentimental deixava-o com a cabeça inteiramente livre e, mais do que nunca, ambicionava uma alta posição na sociedade. Já que tinha um estribo daqueles, o mínimo que podia fazer era usá-lo. (FLAUBERT 2017, p. 473).

O casamento, como variável de mobilidade social, é motivado pelos desejos de nobreza, riqueza e alta posição social. Possivelmente a "atrofia sentimental", isto é, a atrofia da libido nessas relações conjugais, fosse uma das causas da reprodução dessa estrutura relacional que Flaubert (2017, p. 466) chama de "mundo superior dos adúlteros patricios e das altas intrigas". Seja como for, a instituição do casamento na alta sociedade é retratada por Flaubert em seus aspectos subterrâneos, atacando em cheio a hipocrisia moral da elite.

Outro tipo de movimento de ascensão, dentro da estrutura hierárquica social registrada por Flaubert, é a variável da formação profissional por meio da educação. Neste caso, dois

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

exemplos são significativos: Baptiste Martinon, que consegue ascender socialmente, e Charles Deslauriers, que fica estagnado na hierarquia social, apesar de ambos serem advogados. Os dois jovens, durante a faculdade, foram exímios estudantes. Referindo-se à personalidade, Martinon é de aspecto tácito e Deslauriers, impetuoso em seus princípios; essa diferença não justifica o sucesso de um e a desgraça do outro. A diferença na escalada social desses dois jovens ocorre quando a família de Martinon, por meio de sua influência social, o coloca no Ministério Público. O contato com pessoas de influência, sem dúvida, é uma alavanca determinante nesse tipo de ascensão social por meio da profissão, e é este o caso de Martinon, que "dali a quinze dias teria seu diploma de bacharel em direito. Sua família conhecia um ministro; 'uma bela carreira' se abria à sua frente" (FLAUBERT, 2017, p. 104). A ascensão na hierarquia social, como dito em outro momento, suscita inveja entre as pessoas próximas daquele que ascendeu, o que o torna alvo de desconfiança e suspeita, sendo encarado como desviante e traidor. Martinon não foge a essa reação quando, por exemplo, "Frédéric, desabafando a má vontade que sentia por ele [Martinon], logo atacou seu espírito, seu caráter, sua falsa elegância, o homem inteiro. Era mesmo um típico camponês novo rico! A nova aristocracia e a burguesia não valiam a antiga, a nobreza" (FLAUBERT, 2017, p. 343 e 344).

O período histórico do romance (1840-1860) aponta para uma escalada das relações sociais objetivadas pelo capital. Cada vez mais a estrutura econômica solapa outros sentidos da ação individual e, em certa medida, determina outras esferas da vida. Nesse período histórico, os artigos de luxo deixam de ser apenas mais um artigo e entram no circuito do capital como mercadorias, sem respeitar as fronteiras nacionais. Dessa maneira, Flaubert descreve minuciosamente os ambientes e os toaletes femininos, ornados com artigos de várias partes do mundo:

A antessala decorada à chinesa... (FLAUBERT 2017, p. 83) [...] Usava um vestido de veludo preto e, nos cabelos, um aplique argelino... (ib, p. 84) [...] ... um aparador holandês se erguia diante de um suporte com cachimbos turcos... (ib, p. 85) [...] As três cortinas de pano argelino... (ib, p. 96) [...] Uma espécie de teto chinês ... e lanternas venezianas... (ib, p. 114) [...] Ora descobriu uma [sobrinha] de seda furta-cor, com um pequeno cabo de marfim cinzelado, e que chegava da China. (ib, p. 124) [...] Pelas janelas abertas avistava-se todo o jardim, com o vasto gramado, ladeado por um velho pinheiro da Escócia... (ib, p. 127) [...] ... uma cama de colunas torcidas, com um espelho veneziano à cabeceira. (ib, p. 165) [...] ... o divã turco... (ib, p. 168) [...] Usava um lenço argelino na cabeça... (ib, p. 172) [...] Um punhal japonês pendurado na parede... (ib, p. 285) [...] ... reparou ali em cima, entre um vaso da China... (ib, p. 311) [...] O que lhe deram era grande, guarnecido de bons móveis, forrado de chita da Índia e silencioso... (ib, p. 410) [...] ... um barrete da Frísia pendurado num biombo chinês... (ib, p. 463).

**Ano VII, v.1 2026 | submissão: 30/05/2026 | aceito: 31/05/2026 | publicação: 03/06/2026**

A própria arte deixa de ser comercializada em círculos restritos, tornando-se uma mercadoria – até aí não há nenhuma novidade. Porém, um novo tipo de relação entre o artista e sua arte se estabelece: o artista e sua arte perdem a autonomia criativa, e a forma é subjugada pelo mercado. Essa situação é registrada no romance e, de longe, assemelha-se à crítica dos pensadores frankfurtianos (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). Em uma das reuniões de vários artistas na loja L'Art Industriel, de propriedade do Sr. Arnoux, um velho repreende os artistas por quererem ganhar dinheiro com suas pinturas:

Então, conversavam sobre algumas telas para as quais a cabeça de Apollonie tinha servido de modelo. Os confrades ausentes foram criticados. Espantavam-se do preço das obras deles; e todos se queixavam de não ganhar o suficiente, quando entrou um homem de estatura média, casaca fechada por um só botão, olhos vivos, aparência meio louca.

- Que monte de burgueses vocês são! — disse — O que é que isso importa, misericórdia! Os velhos que confeccionavam obras-primas não se preocupavam com os milhões. Corregio, Murillo...(FLAUBERT 2017, p.71).

A ideia de viver de sua arte e com autonomia criativa predominava na mente de muitos artistas, como é o caso desse velho. Essa autonomia artística não é contra a condição venal da obra de arte, mas refere-se à autonomia subjetiva da inspiração, sem contaminação por interesses exteriores, ou seja, do mercado. Esse tipo de crítica se explicita na fala de um artista chamado Pellerin, que diz:

A preocupação com a verdade exterior denota a baixa contemporânea; e a arte se tornará, se continuarmos assim, sei lá que patetice, abaixo da religião como poesia e da política como interesse. Vocês não alcançarão o objetivo da arte – sim, o objetivo da arte! – que nos causa uma exaltação impessoal, com pequenas obras, apesar de todas as espertezas na execução. Aí estão os quadros de Bassolier, por exemplo: são bonitos, agradáveis, limpinhos, levinhos! Dá para pôr no bolso, levar na viagem! Os tabeliães compram isso por vinte mil francos; em matéria de ideia, não valem três tostões; mas, sem a ideia, nada é grande! Sem grandeza, nada é belo! (FLAUBERT 2017, p.86).

A lógica do capital se expande nas relações sociais e, da mesma forma, a tecnologia modifica o modo de vida parisiense. Essa mudança em Paris é comentada pelos personagens do romance quando estão num final de semana no sítio dos Arnoux, e "em seguida, falaram do embelezamento da capital, dos bairros novos, e o tal Oudry chegou a citar, entre os grandes especuladores, o Sr. Dambreuse" (FLAUBERT, 2017, p. 128). A modernização tecnológica é efetivada por homens de negócio, dentre os quais o Sr. Dambreuse é uma figura peculiar para analisar esse período de sociogênese. Este banqueiro, ao dizer dos objetivos do conglomerado das hulhas francesas, diz:

Temos em nosso conselho (exibiu o prospecto) um par da França: um cientista do Instituto e um oficial superior da arma de engenharia, reformado — nomes conhecidos! Tais elementos tranquilizam os capitais temerosos e convocam

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

os capitais inteligentes! – A companhia teria para si as encomendas do Estado, depois as ferrovias, a marinha a vapor, os estabelecimentos metalúrgicos, o gás, as cozinhas burguesas. – Assim, nós aquecemos, nós iluminamos, nós penetramos até o lar dos casais mais humildes. (FLAUBERT 2017, p. 253).

No decorrer do romance, o Sr. Dambreuse é ora chamado de capitalista, ora de burguês, ora de aristocrata, ora de banqueiro. Essa heterogeneidade classificatória é compreensível, pois, nesse momento histórico de 1840, as classes sociais estavam em sociogênese – fato desconsiderado pela teoria de classe, que concebe as formações das classes sociais (em âmbito econômico) como sempre estanques, compreendendo a história sem origem ou começo, mas sempre constituída em antagonismo estrutural. Os aspectos históricos e sociais do romance *A Educação Sentimental* são densos e lançam luz sobre a constituição de grupos de interesse na modernidade e sobre os conflitos sociais de 1848 em Paris.

A origem social do sr. Dambreuse, por certo, seria a de uma classe ascendente da burguesia pós-1789, vivendo em luta de classes contra a aristocracia; no entanto, nada mais errado. Desvelando o mundo vivido, o romance de Flaubert dinamita certa corrente vulgar da sociologia e retoma o compromisso sociológico com a inteligibilidade da história. Mas, retomando ao romance, a origem social desse nobre Sr. Dambreuse é:

O Sr. Dambreuse se chamava, na verdade, conde d'Ambreuse; mas desde 1825, abandonando aos poucos sua nobreza e o seu partido, voltara-se para a indústria; e com o ouvido em todas as repartições, a mão em todas as empresas, à espreita das boas ocasiões, esperto como uma raposa e trabalhador como um auvergnat, amealhou uma fortuna que se dizia ser considerável; ademais, era oficial da Legião de Honra, Membro do Conselho Geral do Aube, deputado, par de França um dia desses; [...] e durante suas implicâncias com o poder, inclinava-se para o centro-esquerda. (FLAUBERT 2017, p.51, 52).

Vejam só: o Sr. Dambreuse é um aristocrata interessado na indústria. Embora não usasse seu título de conde, convivia harmoniosamente com o estilo de vida da nobreza, sem abrir mão do papel social nos clubes nem da honraria de nobre. Assim, é impossível caracterizar o Sr. Dambreuse como um burguês em luta contra a nobreza, assim como é impossível afirmar o contrário, isto é, que ele é um aristocrata em luta contra a burguesia. Esse curto-circuito na teoria da luta de classes fez com que Karl Marx, em O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, reconhecesse que a aristocracia também podia aderir à relação de capital sem perda alguma do seu modo de vida. A esse respeito, Marx reconhece empiricamente esse fenômeno e denomina esse grupo "aristocracia financeira". O próprio termo homogêneo e monolítico de "burguesia" é desfeito por Marx ao registrar as bases sociais da Segunda República e dizer: "A república burguesa triunfou. Ao seu lado alinhavam-se a aristocracia financeira, a burguesia industrial, a classe média, a pequena burguesia" (MARX, 2008, p. 26). Ao comentar sobre a Paris de 1848,

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Marx reconhece a complexidade e a distância do mundo vivido em relação à sua especulação filosófica do *Manifesto Comunista* – embora essa especulação filosófica esteja contida em altas doses em *O 18 de Brumário* – quando diz:

O período que temos diante de nós abrange a mais heterogênea mistura de contradições clamorosas: constitucionalistas que conspiram abertamente contra a Constituição; revolucionários declaradamente constitucionalistas; [...] Se existe na história do mundo um período sem nenhuma relevância, é este. Os homens e os acontecimentos aparecem como Schlemihl invertidos, como sombras que perderam seus corpos. (MARX 2008, p. 44, 45).

Ao cotejar a obra de Marx, percebe-se que a vida particular do Sr. Dambreuse é, na verdade, uma média social histórica, livrando-se de qualquer acusação de particularismo ou de "idiossincrasia social".

Como visto anteriormente, o Sr. Dambreuse é um típico representante da aristocracia financeira, grupo que soube se adaptar habilmente às relações sociais orientadas pelo capital. Por mais que fossem considerados monarquistas – chegando mesmo a arrogar esse título a si –, os ideais políticos eram tão inconsistentes quanto suas ações. Se se pudesse dizer qual o regime ideológico desses aristocratas, poder-se-ia arriscar: a estabilidade e a ordem sociais acima de qualquer ideologia.

Nas vésperas da revolução de fevereiro de 1848, os Dambreuse dão uma grande festa em seu palacete. Entre as figuras sociais presentes estavam políticos, homens de negócios, cientistas, magistrados e médicos ilustres (FLAUBERT, 2017, p. 215). Dentre as conversas, os banquetes reformistas em prol da república sempre vinham à tona, provocando paixões e ódio entre os presentes. Na fala de um dos convidados, percebem-se as contradições entre ideologia e ação política, quando ele diz: "– E os próprios conservadores intitulem-se progressistas! Para nos trazerem o quê?! A república! Como se ela fosse possível na França! – todos declararam que a república era impossível na França" (FLAUBERT, 2017, p. 217). O ideário republicano era muito impreciso em 1840: qualquer menção negativa à república remetia logo à vivência trágica de 1792. Os que eram a favor viam a república como um paraíso de Deus na terra; seria o regime da igualdade de gênero, como pensava a Srta. Vatnaz (FLAUBERT, 2017, p. 384). Os sentimentos em torno da república eram múltiplos e imprecisos.

Para a aristocracia financeira e para os demais grupos da alta sociedade, a república era menos temida pelos seus ideais do que pela ruptura violenta que poderia provocar, trazendo instabilidade social e risco às suas fortunas.

A revolução de fevereiro de 1848 foi, sem dúvida, uma contingência histórica. Aliás, isso é um paradoxo, pois o homem vive em experiência, mas sua direção histórica sempre será

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

mais contingente do que teleológica. Sobre essa contingência histórica da revolução de fevereiro de 1848, Flaubert (2017, p. 356-357) diz:

Ao desembocar na Rue Tronchet, ouviu, atrás da Madeleine, um grande clamor; avançou e avistou, no fundo da praça, à esquerda, gente de avental de operário e burgueses. De fato, um manifesto publicado nos jornais havia convocado todos os subscritores do banquete reformista para aquele local. O ministério, quase imediatamente, afixou uma proclamação que o proibia. Na noite anterior, a oposição parlamentar tinha desistido; mas os patriotas, que ignoravam essa resolução dos chefes, tinham ido ao encontro, seguidos por uma multidão de curiosos. Há pouco, uma delegação das escolas foi ver Odilon Barrot. Estava agora no Ministério das Relações Exteriores, e não se sabia se o banquete ocorreria, se o governo executaria sua ameaça, se os guardas nacionais se apresentariam. Era grande o rancor contra os deputados e contra o Poder. A multidão crescia cada vez mais quando, de repente, vibrou nos ares o refrão de A Marselhesa.

A Revolução de Fevereiro não tinha por trás um grupo ou classe social homogênea, se quisermos usar esse termo. A composição social daqueles que vivenciaram a revolução era diversa, com distintos grupos sociais. Nos registros de Flaubert, essa base social da revolução era composta pela burguesia e pelo operariado. Verificando a confiabilidade dessa informação, é possível mais uma vez cotejar Marx e Flaubert em relação ao mesmo episódio:

– [diz Dussardier] Estou chegando de lá! Vai tudo bem! O povo triunfa! Os operários e os burgueses se abraçam! Ah! Se soubessem o que eu vi! ¡Qué gente fantástica! Como é bonito! (FLAUBERT 2017, p. 375).

E todos os elementos que haviam preparado ou realizado a revolução – a oposição dinástica, a burguesia republicana, a pequena burguesia democrático-republicana e os trabalhadores social-democratas – encontram provisoriamente seu lugar no governo de fevereiro (MARX 2008, p. 25).

Uma vez proclamada a república como fato consumado, os grupos da alta sociedade logo se esqueceram de que um dia foram monarquistas. O Sr. Dambreuse, refletidamente, confessa que "alegrava-se com os acontecimentos e adotava de bom grado 'nossa sublime divisa: liberdade, igualdade, fraternidade', tendo sempre, no fundo, sido republicano" (FLAUBERT, 2017, p. 382). Os outros grupos da alta sociedade seguem o exemplo do Sr. Dambreuse e juram sua fidelidade à república:

Depois, Frédéric foi ver a Marechala. Ela o recebeu com azedume, pois estava zangada por tê-lo abandonado. Seu rancor se desfez diante das reiteradas garantias de paz. Agora tudo estava tranquilo, nenhuma razão de ter medo; beijava-a, ela se declarou pela República – como já havia feito o Monsenhor arcebispo de Paris, e como iriam fazer com maravilhosa presteza de zelo: a Magistratura, o Conselho de Estado, o Instituto, os Marechais da França, Changarnier, o Sr. de Falloux, todos os bonapartistas, todos os legitimistas e um número considerável de orleanistas (FLAUBERT 2017, p. 377).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

E mais uma vez se podem cotejar as informações do romance com a obra de Marx, percebendo-se a semelhança:

Após terem fundado uma república para a burguesia, expulsado do campo de luta o proletariado revolucionário e reduzido momentaneamente ao silêncio a pequena burguesia democrática, são eles mesmos postos de lado pela massa da burguesia, que, com justa razão, reclama essa república como sua propriedade. Essa massa era, porém, monárquica. Parte dela, os grandes latifundiários, dominara durante a Restauração e era, portanto, legitimista. A outra parte, os aristocratas da finança e os grandes industriais, havia dominado durante a Monarquia de Julho e era, conseqüentemente, orleanista. Os altos dignitários do exército, da universidade, da Igreja, da Justiça, da academia e da imprensa podiam ser encontrados dos dois lados, embora em proporções diversas. Aqui, na república burguesa, que não ostentava nem o nome de Bourbon nem o de Orléans, e sim o de Capital, haviam encontrado a forma de governo pela qual podiam governar conjuntamente. [...] Finalmente, os dirigentes desse partido, Thiers e Berryer, o orleanista e o legitimista, viram-se compelidos a se declararem abertamente republicanos, a confessar que eram monarquistas de coração, mas que suas ideias eram republicanas, que a república parlamentar era a única forma de governo possível para o domínio efetivo da burguesia (MARX 2008, p. 39 e 86).

As semelhanças entre os excertos são gerais, guardando, no fundo, diferenças sutis. Por exemplo: enquanto Flaubert tem como único compromisso descrever a história tal como foi vivida, Marx descreve o vivido sempre forçando uma conciliação com sua estrutura teórica.

A concepção de história social no romance de Flaubert não está orientada por nenhuma teoria; quer dizer, não há uma separação temporal entre passado, presente e futuro: a história é descrita em movimento dinâmico e contraditório. A riqueza desse romance nos temas de mobilidade social e de hierarquia entre grupos sociais na modernidade é indubitável.

## Considerações Finais

Após a exposição desses dois romances, o tratado epistêmico da sociologia fica arranhado. Afinal, a sociologia, continuando a tradição filosófica, defende uma ruptura epistemológica entre o conhecimento teórico-social e o do senso comum. Tratando-se da literatura, as diferenças de forma não significam inferioridade em assuntos sociológicos. Lukács, um teórico social, chegou a reconhecer a grandeza da literatura ao dizer que "é no romance, ademais, que as contradições específicas da sociedade burguesa têm sido figuradas de modo mais adequado e mais típico. As contradições da sociedade capitalista fornecem, assim, a chave para a compreensão do romance enquanto gênero" (LUKÁCS, 1981, p. 177).

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 30/05/2026** | **aceito: 31/05/2026** | **publicação: 03/06/2026**

Refletindo sobre o alcance das obras dos literatos e dos sociólogos junto ao público, sem dúvida, o romance tem maior ressonância; isso porque sua linguagem é de fácil acesso e suas reflexões são profundas e detalhadas, diferentemente da linguagem conceitual e lógica que massacra os jovens estudantes de sociologia. E, às vezes, a margem de ficção (imaginação) contida em algumas teorias sociais ultrapassa a da literatura; pois a literatura, ao se utilizar da ficção, tem seus símbolos sempre referenciados na linguagem corrente. Agora, quando um sociólogo – ou mesmo o filósofo – se propõe a conjecturar sobre a sociedade, os símbolos são quiméricos e idiossincráticos, significativos apenas em seu sistema ideal.

A importância de uma obra literária vai além do seu valor estético, que, por si só, já a justifica. Mas caso seu conteúdo sociológico seja considerado, sem dúvida, a sociologia terá condições de avançar na compreensão social.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. und HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1986
- BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015
- D'AGUIAR, Rosa Freire. Nota della traduttrice in Flaubert, Gustave. **A educação sentimental**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017
- DURKHEIM, Émile. **Da Divisão Social do Trabalho Social[1893]; As Regras do Método Sociológico[1895]; O Suicídio[1897]; As Formas Elementares da Vida Religiosa[1912]**. São Paulo. Coleção Os Pensadores. Ed Abril Cultural, 1983
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994 v1
- FLAUBERT, Gustave. **A educação sentimental**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed. LTC: Rio de Janeiro, 2008
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Os pensadores:Hegel**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2005
- HELLER, Agnes. **A Sociologia Como Desfetichização da Modernidade**. In Novos Estudos CEBRAP nº 30, 1999, p. 204-214
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- LUKÁCS, György. NETTO, José Paulo (org.). **György Lukács: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1981
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007
- \_\_\_\_\_. **Grundrisse: Manuscritos Económicos de 1857-1858**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011
- \_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2008
- \_\_\_\_\_. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Martin Claret, 2008
- STAVENHAGEN, Rodolfo. **Estratificação social e estrutura de classe**. IN. VELHO, Otávio Guilherme;G.S PALMEIRA, Moacir;R. BERTELLI, Antônio (org.). Estrutura de classes e estratificação social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976
- WEBER, Max. COHN, Gabriel (org.). **Max Weber: Sociologia**. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2008